

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *solidariedade* à qual pertencemos.
Atenas, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.
Atena, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes
Brasília, março de 2021

SUMÁRIO

PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

CAPÍTULO 1	1
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
CAPÍTULO 2	12
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
CAPÍTULO 3	19
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
CAPÍTULO 4	28
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
CAPÍTULO 5	39
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
CAPÍTULO 6	47
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
CAPÍTULO 7	59
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

CAPÍTULO 8	76
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
DOI 10.22533/at.ed.6772119048	
CAPÍTULO 9	92
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
DOI 10.22533/at.ed.6772119049	
CAPÍTULO 10	101
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
DOI 10.22533/at.ed.67721190410	
CAPÍTULO 11	116
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
DOI 10.22533/at.ed.67721190411	
CAPÍTULO 12	130
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
DOI 10.22533/at.ed.67721190412	
CAPÍTULO 13	147
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67721190413	
CAPÍTULO 14	165
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECA, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
DOI 10.22533/at.ed.67721190414	

CAPÍTULO 15	178
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190415	
CAPÍTULO 16	189
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
DOI 10.22533/at.ed.67721190416	
CAPÍTULO 17	199
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.67721190417	
CAPÍTULO 18	211
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190418	
CAPÍTULO 19	220
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190419	
CAPÍTULO 20	232
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.67721190420	
CAPÍTULO 21	241
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67721190421	

CAPÍTULO 22	254
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842	
João Eduardo Jardim Filho	
DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS	
CAPÍTULO 23	268
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Pau de Solà-Morales	
DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
CAPÍTULO 24	288
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Anna Royo Bareng	
DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
CAPÍTULO 25	307
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO	
Ricardo Anguita Cantero	
DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
SOBRE A ORGANIZADORA	317
ÍNDICE REMISSIVO	318

CAPÍTULO 23

EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 15/01/2021

Jordi Sardà Ferran

Dr. Arquitecto. CRUC EAR URV, Centre de Recerca Urbana del Camp. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Reus, Universidad Rovira i Virgili

Josep M. Solé Gras

Arquitecto. CRUC EAR URV, Centre de Recerca Urbana del Camp. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Reus, Universidad Rovira i Virgili

Pau de Solà-Morales

Dr. Arquitecto. CRUC EAR URV, Centre de Recerca Urbana del Camp. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Reus, Universidad Rovira i Virgili

RESUMEN: El comercio hace ciudad y la ciudad hace comercio. De hecho, ambas variables constituyen un binomio indivisible cuya combinación se traduce de manera particular en cada caso. En este sentido, esta investigación pretende revelar, a partir del relato de situaciones urbanas complejas, las lógicas de la dinámica comercial en un itinerario de ida y vuelta y para un caso concreto, el de la ciudad catalana de Reus. Con ello, se postula que la reconstrucción del *friso del comercio* local permite ponderar la marcada vocación comerciante de la ciudad y determinar su imagen -tradicionalmente viva y dinámica- en contraposición al modelo comercial

contemporáneo. Como metodología de trabajo, una catalogación de las piezas, un cartografiado de sus patrones de localización y un rastreo de su evolución temporal para terminar con un epílogo propositivo de siete líneas estratégicas y 14 acciones de transformación del tejido urbano-comercial de la ciudad.

PALABRAS CLAVE: Friso urbano, comercio local, imagen de la ciudad, tipologías comerciales.

1 | INTRODUCCIÓN: EL COMERCIO HACE CIUDAD, LA CIUDAD HACE COMERCIO

La ciudad de Reus y la actividad comercial andan juntas desde su mismo origen. Situada estratégicamente sobre la llanura del Camp, su posición primigenia atiende a la oportunidad comercial derivada de la confluencia de los caminos estructurantes del territorio. El punto de encuentro se consolidó en un vacío –muy lleno– denominado, precisamente, **el Mercadal**. El intercambio de bienes de consumo, en el centro de la ciudad murada, devino el corazón activo que irradió paulatinamente toda una serie de actividades paralelas y complementarias a la vida urbana infiltrándose en las plantas bajas y colonizando las calles de su entorno. Con la concesión del derecho a mercado semanal que otorgó Jaume II quedaba inaugurada, pues, una larga y fecunda historia de convivencia e hibridación entre la ciudad y el comercio o, si se prefiere, entre el **comercio y la ciudad**.



Fig 1. La mezcla como sinónimo de riqueza (Sole-Gras, J.M., 2016)

Se trata de un binomio que cristalizó -al largo del tiempo- confirmando su éxito a través de un **nutrido friso de comercio local** que caracteriza la marcada vocación comerciante de la ciudad y determina su imagen tradicionalmente viva y dinámica. Lejos de ser un matrimonio dulce, su historia ha sufrido episodios menos prolíficos y desventuras de las que la ciudad ha sabido aprender, rehacerse y avanzar. El anhelado acceso al mar -desde el puerto de Salou-, la llegada del tren o la construcción de un entramado de carreteras han resultado ser valientes apuestas de la ciudad artesana y burguesa de los siglos XVIII y XIX para consolidar su posición y alentar su crecimiento y transformación. El Modernismo equipó la ciudad con teatros, ateneos, hospitales y escuelas, la dotó de excelencia artística y de una larga colección de residencias y de pequeñas, medianas y grandes industrias manufactureras.

El comercio, siempre al lado de los cambios, acompañó fielmente esta progresiva industrialización y enriquecimiento de la ciudad y pronto reclama la construcción de un **nuevo mercado**, fuera muralla, hacia el norte, a caballo entre la estación y el llano hacia Riudoms y Les Borges del Camp. Representa el primer desplazamiento importante de la actividad hacia un nuevo polo en la ciudad. La corta distancia entre los puntos y la articulación del tejido por medio de una serie de calles, plazas y equipamientos significó la rápida adaptación de esta nueva estructura bicéfala.

Años más tarde, en la década de los 80, Reus experimenta un segundo desplazamiento de uno de los tradicionales polos del comercio cuando el cierre del antiguo mercado de *Les Peixateries* -construido sobre el cementerio de la prioral de Sant Pere- coincide con la apertura del nuevo mercado del *Carrilet*, al sur de la ciudad.

No obstante, seguramente, los dos grandes hechos transformadores de la fisonomía de la ciudad y de los mismos valores sociales que han marcado la segunda mitad del siglo XX han sido la **irrupción del automóvil** como medio rápido y eficaz de locomoción y transporte y a la aparición de los **nuevos patrones de consumo** de las sociedades aparentemente más avanzadas.

Ambos son motivos de la transformación profunda del modelo primario de comercio hibridado en la ciudad y de su acelerada y **profunda mutación** hacia nuevas maneras de comprar y consumir que han modificado tanto la **demanda como los tipos, los mecanismos de comunicación y los propios espacios** de la oferta. Aparecen, finalmente, los llamados centros comerciales.

Sin duda, esta irrupción supone una ruptura en la propia cultura urbana y la definición de sus instrumentos de desarrollo y control. Hecho que tiene efectos –de naturaleza y medida variada– sobre la estructura socio-económica que los acoge o sobre la imagen de la ciudad. Son, seguramente, **dinámicas globales con efectos locales** que plantean nuevos debates entorno de los retos y oportunidades que puede y tiene que enfrentar cada contexto local marcado por las especificidades de su realidad. Reus, no es la excepción.

De hecho, la inauguración del **nuevo centro comercial** de *la Fira* el pasado mes de noviembre de 2015, ha situado este debate universal en Reus. Con 33.000 metros cuadrados de nueva superficie comercial y 853 nuevas plazas de aparcamiento, este nuevo equipamiento comercial posiciona la ciudad en un ámbito de competencia territorial. Pero, a la vez, representa un cambio de paradigma que inquieta a los comerciantes del centro histórico, de perfil más tradicional, producto más local y menor escala comercial.

Situado en esta coyuntura para la ciudad, este trabajo plantea varios objetivos:

- **En primer lugar**, esta investigación pretende hacer valer un manifiesto: **el comercio hace ciudad y la ciudad hace comercio, de lunes a lunes**. La manera de mirar de cerca, con la mirada atenta, rigurosa y, en ocasiones, obsesiva el conjunto de estrategias que la arquitectura y la ciudad ensayan para garantizar el confort del espacio cotidiano de consumo en la ciudad de Reus. Revelar el relato de situaciones urbanas complejas nos puede ayudar a aproximarnos a las lógicas de la dinámica comercial.

- **El segundo objetivo** sería **evaluar el peso del comercio** y sus principales particularidades a través de una mirada poliédrica por medio de indicadores cuantitativos como la evolución y posición de las licencias municipales de actividades comerciales- y cualitativos -trabajos de campo, fotografía, encuestas e investigación en archivos-. La voluntad de este objetivo es poder cuestionar diferentes instrumentos y realidades para plantear un diagnóstico que permita ser reevaluado de manera sistemática en un futuro próximo. En este sentido, el tradicional uso de la imagen y la cartografía se han combinado con encuestas, mapificaciones, análisis de datos y toda una serie de otros instrumentos que han permitido abordar la complejidad del problema a través de un análisis multifactorial y una mirada transversal e integradora.

- **El último de los objetivos**, como no podía ser de otra manera, es la recomendación de una serie de **líneas estratégicas de trabajo** y la propuesta de unas **acciones concretas** a desarrollar para transformar y mejorar algunos de los aspectos o ámbitos de oportunidad. La mayoría de estas atiende a razones y argumentos claramente urbanísticos y morfotológicos con la voluntad de completar las líneas estratégicas y acciones propuestas

por el Grupo de Investigación del Parque Científico y Tecnológico de Turismo y Ocio, de la misma URV. Más allá de la posible complementariedad entre acciones, sería deseable poder establecer una verdadera yuxtaposición, orden y jerarquía entre propuestas para potenciar un máximo rendimiento de su puesta en práctica.

Por último, cabe mencionar que este **trabajo, de espíritu intencionadamente colectivo**, ha derivado igualmente en una serie de investigaciones paralelas traducidas en Proyectos de curso o Final de Carrera o en estudios específicos de la llamada Escuela de verano coordinada entre el Ayuntamiento y la Escuela de Arquitectura de Reus.

2 I UNA ECUACIÓN COMPLEJA. INCÓGNITAS Y TIPOS

2.1 La intuición de la mezcla

“La urbanidad es la suma de permeabilidad, sensualidad y respeto”

M. de Solà-Morales (2008). **De cosas urbanas**

Seguramente, más allá de las piedras de sus edificios, la verdadera alma de la ciudad es la actividad de su gente en sus calles, en sus plazas y mercados, escuelas, hospitales y otros equipamientos. En este sentido, el verdadero rostro -el reflejo del alma- de cualquier ciudad, es decir, su imagen, seguramente viene determinado por el ámbito que define el espacio de encuentro entre los edificios y el plano del suelo. Es, precisamente en este ángulo recto definido entre el plan vertical de las fachadas y el plan horizontal del pavimento donde se cruzan las miradas -furtivas, pasivas, ilusionadas o erráticas- y se produce el intercambio social del roce, de la distancia corta. Es, sin duda, un sorbo de urbanidad. Un sorbo de la esencia de Reus, día a día, de lunes a lunes. Siempre.

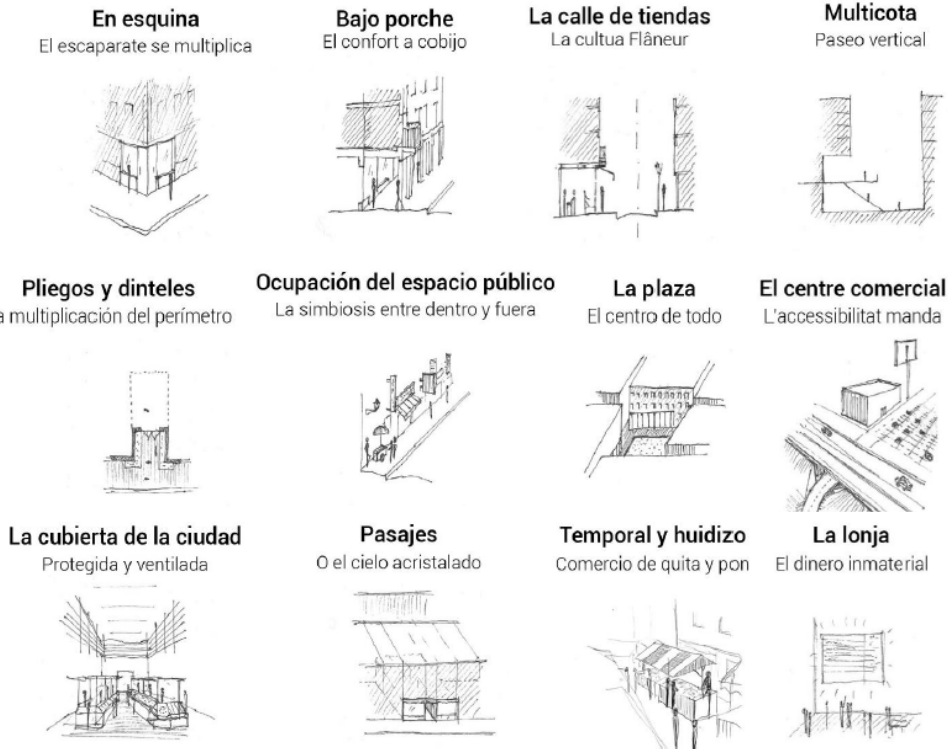


Fig 2. Variedad de tipologías comerciales. GLOCAL. *Lecciones universales sobre un ámbito local* (SOLE-GRAS, J.M., 2016)

2.2 Tipologías variadas

La ciudad como suma de fragmentos, cada uno con estructura y semántica propia. Un paisaje pretendidamente urbano a partir del friso de peatones, aceras, calles, plazas, esquinas, viviendas, equipamientos, mercados, porches, pasajes, locales vacíos, centros comerciales, ferias y marchantes, fiesta, paseo, alegría, queja, deseo o anhelo que se superponen, se infiltran, se mezclan y, en definitiva, cohabitan.

La ciudad por piezas, también comerciales.

Cada una con sus normas sintácticas propias y sus formas que establecen relaciones entre sí y con el resto de ciudad. Seguramente, debe de ser en este conflicto permanente de intereses o esfuerzo de convivencia donde reside la riqueza de la ciudad. En este sentido, aquello que Henri Lefèbvre denominaba *le droit à la ville* reside seguramente en garantizar el acceso universal a este pacto simbiótico entre elementos de diferente medida, naturaleza y vocación. En efecto, la voluntad de esta primera parte del trabajo era la de mirar de cerca las diferentes tipologías propias del comercio halladas en Reus y explorar, desde la fotografía y la cartografía, las principales estrategias arquitectónicas para hacer confortable la actividad de comprar. Aspectos como la imagen, la medida y la posición de

un comercio pueden determinar su éxito o fracaso comercial. Desde el mercado en la calle de tiendas, pasando por el centro comercial, los porches o los pasajes, hemos querido establecer una primera visión generalista de la combinatoria de piezas comerciales de Reus a fin de conseguir un esbozo de su jerarquía y estructura.

En esquina. *El escaparate se multiplica*

Bancos y farmacias, siempre en esquina. La geometría privilegiada del máximo exhibicionismo. El pliegue de dos planos multiplica exponencialmente el brillo de los escaparates y la mirada a través de sus amplias jambas permite acortar el trayecto entre dos calles profundizando el campo de visión y descomprimiendo la linealidad de la traza recta de la calle. Los mensajes, llamativos, son efectistas. Los maniqués muestran cara y perfil. El espacio de la sorpresa se articula alrededor de un encuentro fortuito.

“(...) El comercio es tanto parte de la calle como de los edificios en los cuales se aloja: es allí donde las aceras se hacen anchas”

E. Gómez (2015). **Comerç, ciutat. Paisatges arran de terra.**



En la compacidad del casco histórico, son los locales más caros, los más golosos. En los tejidos de ensanche son los más lógicos mientras que en los barrios periféricos son los únicos. Cuando el coche deshace la esquina, el pliegue se endulza en una traza curva que contiene el máximo espacio en el mínimo volumen. A pesar de que la lógica, y con ella la medida, cambia, nunca deja atrás esta voluntad incesante de exhibirse para atraer el ávido comprador.

Bajo porche. *El confort al cobijo*

Seguramente, somos herederos de París. Al menos, en el amor por la cultura del comercio urbano que profesamos como sociedad, por el gusto por el paseo entre tiendas, por la admiración compartida ante un espacio confortable al comprador. En este sentido, el cobijo que proporciona el porche representa una estructura de superposición ejemplar. Su pliegue, tal y cómo hacía la esquina, despliega su superficie de contacto y protección de las inclemencias climáticas o la exposición a las miradas. El elegante ritmo de sus

composiciones y la nobleza de su materialidad acogen las novedades de los productos expuestos y seducen el espíritu Flâneur.

“la calle no es solo el espacio entre los edificios que dibujan los planos de las ciudades (...)”

J. Rykwert (1991). **Off Limits. City Pattern and City Texture. A Constancy and Change in Architecture**



Es un ámbito ambiguo que desdibuja los estrictos límites entre el mundo privado y el espacio público. Y todo, a ras del suelo, donde la arquitectura coge grosor para seducir con una secuencia de espacios de transición. El pavimento, la rasante y los usos de sus plantas bajas resultan ser buenos indicadores de la promiscuidad y riqueza de la vida que abrigan.

La calle de tiendas. *La cultura de Flâneur*

Los edificios definen y caracterizan la calle mientras que esta, les ofrece presencia, continuidad, jerarquía y articulación. Se tocan y mezclan. De hecho, separados no se entienden. Son dos realidades que dibujan una de sola, con límites por fortuna difusos y a menudo fronteras ambiguas.

De hecho, cuando la calle es una arteria comercial, las tiendas amplían la sección a través de escaparates que multiplican la visión. Cada pliegue, cada vibración del edificio al tocar el suelo genera una pulsación, un estímulo que configura el carácter y la identidad de la calle. Es el punto donde todo pasa y se condensa. Desde las miradas que se cruzan hasta el intercambio de bienes y de información. Todo, con la calle como apoyo.

En él, el dentro y el fuera se confunden y a la que la actividad comercial se infiltra en las plantas bajas, se dibuja un ámbito colectivo, un friso compartido. Terrazas, toldos, alféizares, dinteles y mobiliario móvil ocupan la acera y hacen suya la calle.



"la calle es el lugar de conversaciones"

L. Mumford (1961). *The city in history*

La plaza. El centro de todo

Un vacío muy lleno. Marcas en el pavimento para ordenar el bullicio del comercio. La geometría de los toldos protege productos, compradores y comerciantes. La actividad contamina los bordes y los ocupa para no abandonarlos jamás.



"No square, no city"

M. Rubert (2207).
*Squares of Europe-
Squares for Europe/
Places d'Europe
-Places pour
l'Europe.*

Plaza quiere decir centralidad. Plaza quiere decir actividad, simbolismo, cultura, fiesta, revolución y comercio. Es imagen. Es identidad. Es postal. Es patrimonio. La plaza quiere decir ciudad. La plaza quiere decir Camp. Sobre todo, en Reus.

Ahora, muchas plazas han retirado sus toldos del centro para llevarlos a los bordes. Dónde protegen vermouths, patatas o cafés bajo la atenta mirada de algún equipamiento y comercio histórico que un día vieron hacer y deshacer el mercado.

La cubierta de la Ciudad. Protegida y ventilada

Nacidos con la voluntad de asear y abrigar el intercambio de bienes, durante la Revolución Industrial los mercados fueron considerados como las catedrales laicas, es decir, los equipamientos necesarios para garantizar el orden y la salubridad del comercio. Cumplían una función social fundamental para evitar epidemias y ordenar los espacios de las ciudades que derribaban las murallas con decisión y ambición.

Acostumbran a ser arquitecturas monumentales que plantean una elevada capacidad de atracción y un potente vínculo con los comercios del entorno inmediato. Sus interiores se organizan de manera democrática repartiendo simétricamente el espacio entre paradas y lugar de paso. Reus tiene dos. El Central, construido en 1949, con 127 paradas, mantiene una intensa actividad que lo ha consolidado históricamente como un espacio de referencia comercial en la ciudad. El Mercado del Carrilet, por su parte, nace en 1983 con la vocación de alcanzar los barrios del sur de la ciudad. Su apertura coincidió con el cierre de las antiguas Peixeteries y el desplazamiento progresivo del polo comercial hacia un ámbito ligado a la movilidad a través de la proximidad de la Estación de Autobuses. Cuenta con 88 paradas, hoy la mitad cerradas.

“(…) En Francia, después de la Revolución, los mercados se habían empezado a considerar como un equipamiento público”

J.L. Oyón i F. Guàrdia (2010). **Hacer ciudad a través de los mercados. Europa siglo XIX y XX.**



Pasajes. O el cielo acristalado

Un corte que atraviesa manzanas. No llueve, no tiene puertas. Parece exterior e interior a la vez. Cubierto con lucernarios de día posee luz cenital. De noche, la luz interior de los escaparates baña el pavimento. Es estrecho y relativamente simétrico. No pasan coches. Tampoco muchos vecinos.

Coetáneos con las plazas con porches y la invención de la acera, la clara voluntad de esta tipología comercial es la de separar los peatones del tráfico rodado, permitiéndoles, en un entorno protegido y confortable, deambular y parar ante las tiendas.

Al que fue símbolo de modernidad urbana en París, Milán o Nápoles, muchos lo denominan galerías comerciales. Reus tiene pocas, y en baja forma. Parece ser que la moda ha pasado a los centros comerciales con accesibilidad rodada. De hecho, el nuevo centro Comercial *la Fira* no deja de ser la recreación artificiosa de un gran pasaje. No obstante, habrá que repensar la vocación y estrategia de renovación del resto de estos ámbitos céntricos y de enorme potencial.

“(…) La atmósfera de incertidumbre y de descubrimiento mantienen vive el espíritu seductor que Baudelaire les otorgó ”

M. Smets (2014). *Els passatges contemporanis a les ciutats.*



El comercio mixto y el autoservicio. *Productos, pasillos y cajas*

Con la llegada de la vida moderna y de los nuevos patrones laborales, cada vez resultó más difícil realizar cotidianamente la compra de los bienes de consumo alimentarios. En este sentido, la industria alimentaria evolucionó la técnica de envasado y la conservación de los productos tradicionalmente vendidos en la plaza o en los mercados de frescos impulsando la aparición de una nueva tipología comercial.

“(…) Le trajet linéaire, rectiligne, presque irréversible du Supermarché, la marche tournayante, sinueuse, bousculée (...) se distinguent avec beaucoup de netteté ”

P. Sansot (1973). *Poétique de la ville*



Crece los colmados o tiendas de ultramarinos, aquellos comercios de amplia oferta de envasados. A la vez, el paso progresivo de la disposición perimetral de las estanterías que mostraban los productos hacia una posición más central y organizada con pasillos vino acompañada de la reubicación del personal y de las cajas, colocadas estratégicamente, al final de la cadena de consumo. A mediados del siglo XX aparecía, pues, el supermercado como modelo evolucionado de autoservicio y el carro como símbolo de compra de alimentos.

Su éxito global queda igualmente reflejado en Reus donde la implantación de supermercados no ha parado de crecer durante las últimas décadas.

Multicota. *Paseo vertical*

Multiplicar la planta baja, no abandonar el centro y hacer convivir habitabilidad y comercio. No es una fórmula sencilla. El Pallol reclama compromiso por parte de todos los agentes de la ciudad. Es una apuesta valiente por hibridar funciones, formas, espacios,

personas, actividades e intereses. Es una actitud decidida a hacer frente al conflicto urbano, a la esencia de ciudad.

“Las irregularidades, los retrocesos y las desalineaciones son oportunidades de estar en la calle, pero fuera de la trayectoria de circulación de los peatones, favorecen las actividades de socialización”

J. Jacobs (1961). ***The Death and Life of Great American Cities.***



Aparcamiento, porches, ascensores, escaleras mecánicas, barandillas, dobles espacios, pérgolas, farolas y toldos para recrear un espacio compartido. Los reflejos de los cristales de los escaparates multiplican las tangencias del espacio convirtiéndolo en una promesa de realidad poliédrica e integradora que ahora, seguramente todavía peca de virtualidad tematizada. La vivienda social y privativa acompaña, pero todavía resulta insuficiente. Habrá que completar los bordes, esperar y dejar madurar para asumir la complejidad característica de nuestros tiempos. Promesa de modernidad a medias, como el Camp. El nombre otorgado le hace justicia.

El centro comercial. La accesibilidad manda

Al acercarse, se abren las puertas automáticas. El suelo luce. Un hilo de música acompaña el andar hasta las rampas mecánicas que suben y bajan hacia las grandes marcas. Todo fluye. Todo el mundo sonríe. Grupos de jóvenes gritan y corretean por las tardes. Las familias vienen los sábados. En Navidad no se cabe. Durante las Rebajas, menos. La Fira ha llegado como un nuevo revulsivo comercial de la ciudad. Quiere ser el nuevo “centro”, el ámbito de referencia de la sociabilización del consumo. Los comerciantes del centro tradicional lo miran con desconfianza. Unos dicen que pronto tendrá que cerrar. Otros aseguran que *la Fira* ha traído más gente a la ciudad.

“Los centros comerciales son calles en su versión más aséptica: son calles libres de tráfico, de contaminación, de inclemencias climáticas, de delincuencia, de desconocidos (...)”

V. Mehta (2013). ***The street: a quintessential social public space***



Así pues, aprovechando el suelo del equipamiento obsoleto, Metrovacesa ha apostado decididamente por la capacidad atractiva del comercio reusense y consolidar el papel en el territorio. Inaugurado hace poco más de un año, la dimensión de este nuevo símbolo de modernidad plantea retos y oportunidades que la ciudad tendrá que gestionar y afrontar para reforzar, aún más, la estructura comercial y potenciar el beneficio de la convivencia simbiótica de los diferentes modelos.

La actividad efímera. Comercio de quita y pon

El comercio es, por definición, una actividad dinámica, en movimiento. Su principal razón de ser es la de intercambiar constantemente bienes de consumo y remuneraciones. Busca generar una demanda para contraponerle una oferta para satisfacer el deseo o la necesidad. Intenta que circulen constantemente tejidos, zapatos, bragas y calcetines. O legumbres, embutidos, bebidas y helados. También mesas, armarios, sillas, libros y ordenadores. A veces son joyas, relojes o regalos. Incluso juguetes. O electrodomésticos y automóviles.

Nuevos o ya usados. Todo tiene un precio. Todo se vende en los mercados huidizos que los marchantes hacen y deshacen. Lunes, miércoles y sábados alrededor de los mercados. En Navidad en las plazas o en los portales.

Cuando cierran, no queda ningún otro rastro que las trazas, a borrar, sobre el pavimento, el olor que se desvanece poco a poco y la imagen del vendedor de turrón grabada en la retina. Hasta el año que viene.

2.3 La constitución de la riqueza

Reus es una ciudad de comercio. La mirada parcial de cada una de las tipologías descritas, esbozan un panorama completo y complejo de la ciudad.

De hecho, el dibujo únicamente de los lugares del comercio desvela la ciudad, la hacen evidente y determinan su indisoluble relación y mezcla. De nuevo, hacer comercio

quiere decir hacer ciudad y hacer ciudad quiere decir hacer comercio. En toda su variedad de situaciones, retos, oportunidades y contradicciones. Seguramente, esta es una de las principales constataciones del trabajo: constituir y consolidar el rostro comerciante de Reus.

Un rostro que, a pesar de los cambios venideros, las evoluciones a sufrir y las transformaciones que impulsará, tendrá que luchar por mantener viva esta rica mezcla que determina su rasgo diferencial.

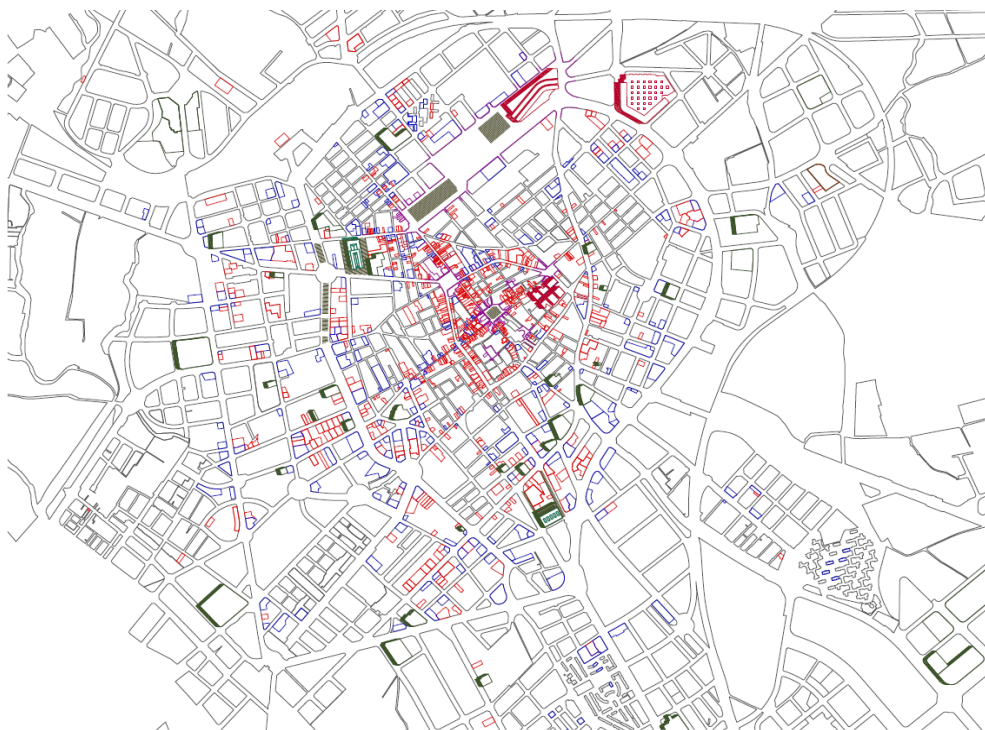


Fig 3. Superposición de las diferentes tipologías comerciales observadas a partir del listado de licencias comerciales de 2015 (Sole-Gras, J.M., 2016)

3 I MÉTODOS DE ANÁLISIS: LA MIRADA OBSESIVA O TODO BAJO SOSPECHA

3.1 Límites y certezas

Para establecer un retrato preciso del peso del comercio en Reus pero, sobre todo, probar de comprender las tendencias y descubrir pautas de comportamiento y patrones de posición, la investigación ha optado por una metodología combinada y multifactorial. Así, se ha elaborado una investigación de antecedentes de documentación relacionada con la gestión o planeamiento del sector comercial en Reus para lo cual se ha considerado

el Programa de Orientación de Equipamientos Comerciales (POEC) cómo en posible base de comparación. Elaborado en 1998 como respuesta a la ley de equipamientos comerciales de la Generalitat de Cataluña 1/97, además de ser el primero de Cataluña, el documento pretendía ser un instrumento de mejora de la gestión comercial de la ciudad y mejora cualitativa de su oferta. Este ha sido, sin duda, un buen punto de partida por alinear metodológicamente la obtención de resultados y permitir, a través de una lectura temporal, el descubrimiento de algunos fenómenos emergentes en la ciudad cómo el incremento progresivo de los supermercados y la presencia, cada vez mayor, del peso de los hipermercados y centros comerciales en los patrones de consumo de la población.

Paralelamente, para establecer una base de datos cartográfica que geolocalizar las actividades, se ha ordenado el listado de las cerca de 8.000 licencias municipales en los mismos sectores que realizaba el POEC y se han posicionado para poder leer conceptos de densidad, desequilibrios evidentes, acumulaciones y déficits territoriales.

De la primera lectura de los resultados, se deriva que todos los sectores han crecido o se han mantenido relativamente estables en número de establecimientos excepto el sector del ocio y la cultura, que ha descendido a un 25% de sus licencias en dieciocho años. Otro aspecto que se deriva de la lectura estadística de las actividades es que casi una de cada tres licencias de Reus corresponde al comercio cotidiano alimentario seguido muy cerca por el equipamiento de la persona y el hogar. A pesar de que esta relación de peso numérico se ha mantenido, la mirada por superficie invierte las jerarquías señalando que aquellos establecimientos que más superficie que ocupan el techo comercial de la ciudad de Reus son aquellas dedicadas precisamente al equipamiento de las personas (textil, complementos y zapaterías, básicamente), al hogar (mobiliario y electrodomésticos) y, al comercio mixto (por la gran superficie de los supermercados e hipermercados).

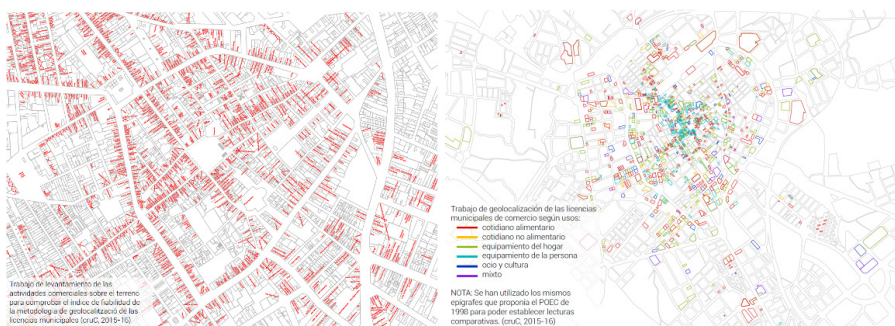


Fig 4. Trabajo de levantamiento de las actividades comerciales sobre el terreno y correspondencia con la geolocalización automatizada de las licencias municipales. Se han utilizado los mismos epígrafes que proponía el POEC de 1998 para poder establecer lecturas comparativas. (Sole-Gras, J.M., 2016)

Por otro lado, de la mirada atenta del listado de licencias se desprende que el análisis discrimina una gran cantidad de actividades que, si bien quizás no forman parte del sector estrictamente comercial, mantienen una íntima relación de dependencia y complementariedad difíciles de descartar en un estudio de las afectaciones socio-espaciales o económicas del comercio. Más allá de los servicios, la logística, el transporte y el almacenamiento, menospreciar sectores como la restauración y la hostelería en una ciudad de creciente vocación turística y de ocio resulta una limitación metodológica considerable. A modo de ejemplo, a los 1675 establecimientos resultantes de la lectura comparada con el POEC habría que considerar, a nuestro entender, la posibilidad de añadir 3284 nuevas licencias de actividades directamente o indirectamente vinculadas al friso comercial. En este sentido, en caso de intentar establecer una línea de base y una serie de indicadores de evolución y caracterización del comercio -estrategia recomendada en el apartado propositivo-, habría que verificar y enmarcar cuidadosamente cuáles son las actividades consideradas.

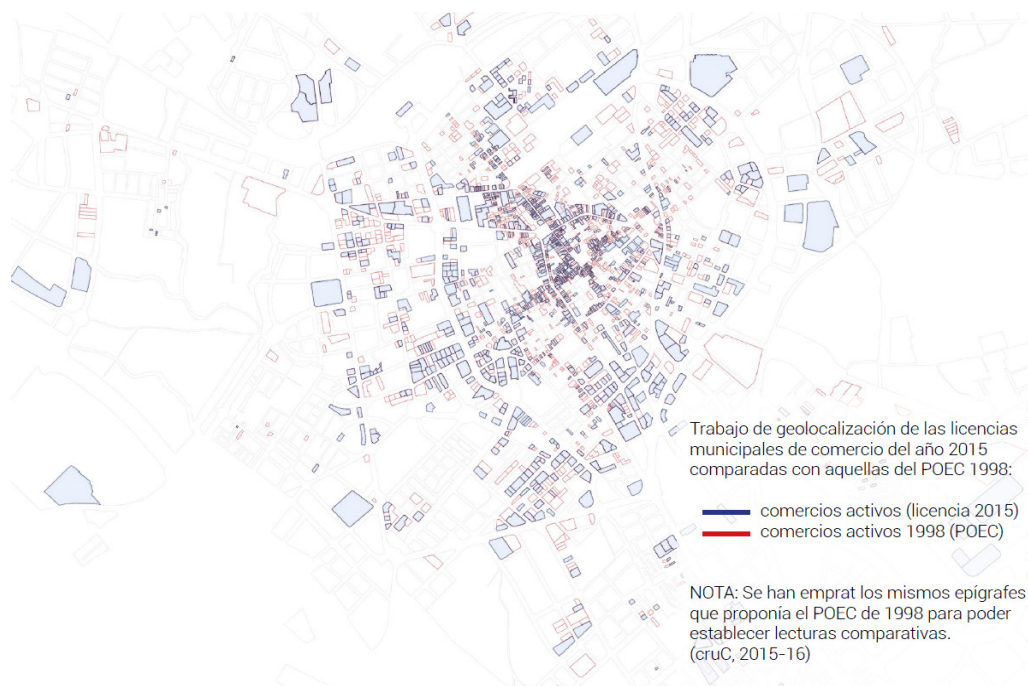


Fig 5. Trabajo de geocalización de las licencias municipales de comercio del año 2015 comparadas con aquellas del POEC 1998. Se utilizan los mismos epígrafes que proponía el POEC 1998 para poder establecer lecturas comparativas. (Sole-Gras, J.M., 2016)

3.2 Biopsias, hilos y manchas

Con esta voluntad, se ha interrogado la ciudad a través de lo que hemos denominado biopsias, es decir, el estudio de pequeñas muestras de tejido para establecer, por sumatorio de ámbitos y conceptos, una mirada poliédrica al comercio de Reus.

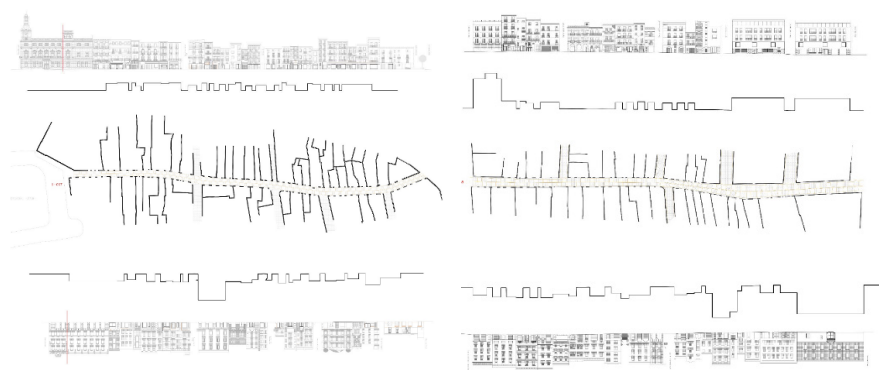


Fig 6. El friso del comercio en las calles Galanes y Hospital (URV, 2015)

A fin de afrontar la limitación metodológica detectada con la geolocalización de las licencias y atendiendo a la escala acotada -caminable- de la ciudad, se consideró oportuno incorporar un trabajo de campo sistematizado sobre los ámbitos más paradigmáticos para comprobar posible índice de error derivado de la automatización y, a la vez, extraer conclusiones a partir de la observación directa, las entrevistas y la toma de fotografías e imágenes.

Estas *biopsias*, a su vez, han sido diferenciadas entre hilos y manchas. Los primeros, analizan los principales ejes comerciales a partir de la relación morfológica de las tiendas, la intensidad de la actividad comercial con la persistencia de las trazas de los caminos históricos de entrada y salida de la ciudad. En este sentido, se han comparado dos calles próximas y similares (Galanes y Hospital), el Tomb de Ravals, los caminos de salida de la ciudad y las avenidas. Todos ellos, con características, horarios, vocaciones e intensidades particulares. En cuanto a las manchas, se ha ensayado comprobar la presencia comercial por barrios y alrededor de tres de los principales polos atractores del comercio de la ciudad, los dos mercados -Central y Carrilet y el centro comercial la Fira.

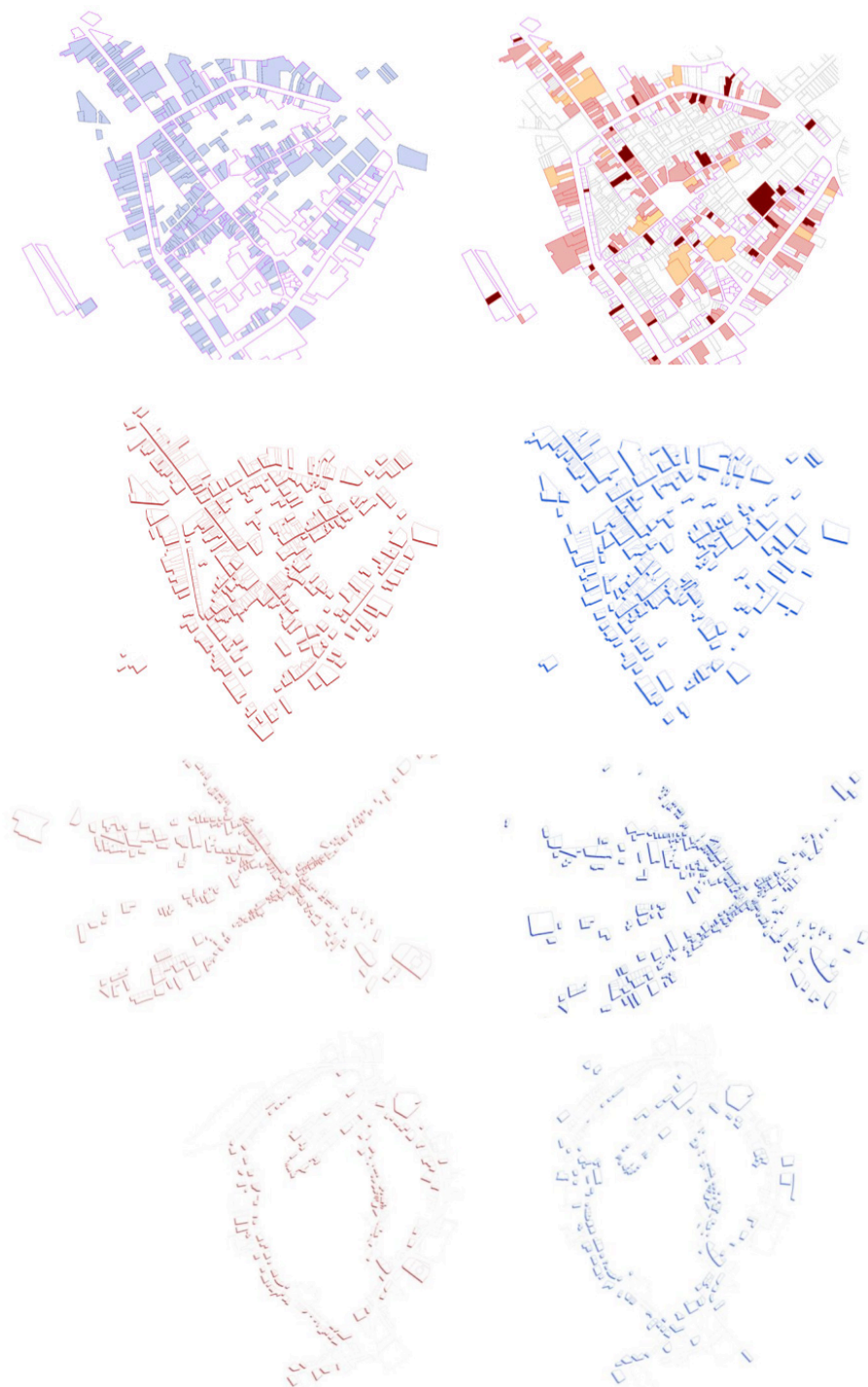


Fig 7. Establecimientos comerciales según licencias 2015 dentro del tomb de Ravals, en relación con el patrimonio, sobre los caminos o las avenidas de Ronda (Sole-Gras, J.M., 2016)

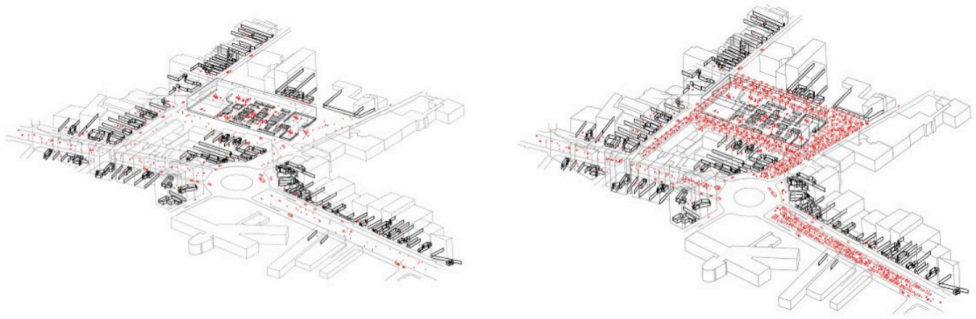


Fig 8. El friso urbano comercial alrededor del Mercado central. (CRUC, 2016)

4 | EPÍLOGO PROPOSITIVO

Entendemos que esta investigación alrededor de una temática generalista y dinámica no debería limitarse a la simplificación de unas conclusiones numéricas y ponderadas que, si bien justificaran la aproximación académica del fenómeno, no responderían a la responsabilidad asumida de transferir parte de los conocimientos adquiridos a la estrategia de transformación urbana.

No obstante, compartimos algunos pensamientos que, partiendo de la óptica urbana, han derivado de la mirada atenta al fenómeno comercial. El primero de los descubrimientos sería que *el comercio*, más allá del carácter determinante en la configuración inicial de una ciudad, se convierte, al mismo tiempo, en un fermento de su transformación, en un catalizador del cambio. De hecho, muchos de los principales capítulos de la evolución de Reus son precisamente herederos y deudores de alguna apuesta -valiente y decidida- de desarrollo comercial y es, precisamente, esta trabajada vocación de intercambio la que le configura una identidad propia de la ciudad dentro de su contexto -el Camp-. La toma de conciencia de este rol seminal dentro del territorio y de la capacidad transformadora de la actividad comercial han resultado elementos determinantes a la hora de imaginar nuevas propuestas de futuro.

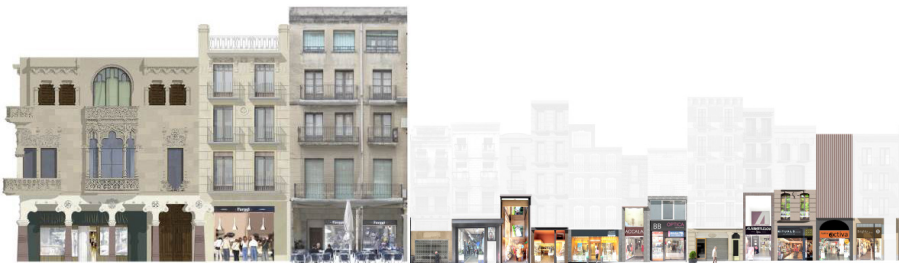


Fig 9. Fragmentos del Friso. Técnicas de representación ETSAR URV.

A su vez, con la autoimpuesta voluntad de ensayar nuevas apuestas urbanas que integraran de nuevo, ciudad y comercio, el estudio incorporó un plan compuesto de **14 acciones** (algunas encadenadas) para desarrollar **7 posibles líneas estratégicas** de carácter más genérico y transversal que abordaban aspectos como la consolidación de determinados ejes comerciales, la identificación de parámetros y patrones a partir de un observatorio del comercio, el desarrollo de una normativa que incorporara la tridimensionalidad, el refuerzo de la memoria a partir de la ampliación del catálogo, la convivencia con la vivienda, la gestión del tiempo o el reconocimiento del plano del suelo y la reconstrucción del friso continuo. A su vez, todas las acciones incorporaban una estimación de tiempo y coste -objeto evidente de debate- a la vez que establecían la relación de los agentes implicados en su posible desarrollo y gestión.

Con ello, se pretendía establecer un marco fructífero y estable de colaboración continuada entre el Ayuntamiento, agentes comerciales y Escuela de Arquitectura. Al Municipio, le corresponde priorizar las políticas y estrategias mientras que en la Escuela aportar las metodologías de estudio e investigación y la capacidad de propuesta proyectual.

En cualquier caso, el estímulo al comercio local -objetivo manifiesto desde el inicio del encargo - reclama un amplio y largo abanico de acciones estratégicas urbanas a desarrollar juntos y este trabajo resulta un primer paso esencial para ello.



Fig 10. Friso del Comercio local de la ciudad de Reus. (CRUC, 2016)

REFERENCIAS

AMIGÓ ANGLÈS, Ramon (1992). *De raval endins*. Tarragona: Ed. Diari de Tarragona.

AMIGÓ ANGLÈS, Ramon (1999). *Les places del mercat a la ciutat de Reus: un assaig historicista*. Reus: Ed. del Centre de Lectura.

ANGUERA I NOLLA, Pere (1982). *Economia i societat al Baix Camp a mitjans del segle XIX*. Tarragona: Ed. Col·legi d'Aparelladors i Arquitectes Tècnics.

Història general de Reus. Reus: Ed. Ajuntament de Reus, 5vols.

(1988). *Urbanisme i arquitectura de Reus*. Reus: Ed. Caixa de Pensions per a la Vellesa i d'Estalvis.

(1998). *Del Reus contemporani fragments d'història*. Revista del Centre de Lectura de Reus: el Centre, 47, 13. Reus: Ed. Centre de Lectura.

ANGUERA, Pere; ARNAVAT, Albert; AMORÓS, Xavier (1986). *Història gràfica del Reus contemporani 1803- 1939*. Reus: Ed. Ajuntament de Reus, vol. I.

(1987). *Història gràfica del Reus contemporani: 1939- 1979*. Reus: Ed. Ajuntament de Reus, vol. II.

ARNAVAT Albert (1998). *Reus 1900 segona ciutat de Catalunya*. Reus: Fundació "la Caixa" / Ajuntament de Reus / Museu Comarcal Salvador Vilaseca.

BUQUERAS, Josep Maria (1985). *Arquitectura de Reus*. Reus: Ed. Josep M. Buqueras.

GRAS ELIAS, Francisco (1906). *Historia de la ciudad de Reus desde su fundación hasta nuestros días*. Tarragona: Ed. Imp. Arús.

MARTRA, Antonio (2006). *Reus, sus fiestas y monumentos a Imatges de la memòria*. Reus: Ed. Centre de la Imatge Mas Iglèsies- Ajuntament de Reus.

PUIG I FERRETER, Joan (1929). *El Cercle Màgic. L'assalt dels records Capítol VI*. Barcelona: Ed. Proa. Vol II.

VV.AA (1995). *Arquitectura del Camp. Guia. Centre de documentació de la Demarcació de Tarragona del Col·legi d'Arquitectes de Catalunya*. Tarragona: Ed. COAC Demarcació de Tarragona i Autoritat Portuària de Tarragona.

VV.AA (2000). *Domènech i Montaner*. Ver: Casa Navàs. Texto de Jordi Sardà y fotografías de Duccio Malagamba. Barcelona: Ed. COAC. Barcelona.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuísmo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

D

Deleuze 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

H

Hardware 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

P

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

Q

Queenship 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

R

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

S

SAT 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

Software 62, 199, 202, 206, 207, 208

T

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184





U

Urbanismo 307, 308

V

Vedānta 232, 233, 236, 240

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br